

# O Deus Eloquente: Jonathan Edwards e Kevin Vanhoozer sobre o discurso divino

Willian V. Orlandi<sup>17</sup>

**Resumo:** O presente ensaio tem como objetivo expor o tema do “discurso Divino” na teologia de Jonathan Edwards e Kevin Vanhoozer. Através de uma abordagem comparativa entre ambos os autores, poderão ser notadas várias semelhanças entre esses teólogos e até mesmo uma antecipação do pensamento de Vanhoozer em Jonathan Edwards. Concluiremos com uma análise crítica a partir das Escrituras sobre tema teologicamente desenvolvido bem como sua aplicação para as igrejas hodiernas.

**Palavras-Chave:** Edwards, Vanhoozer, Deus, discurso.

**Abstract:** This essay aims to expose the theme of “Divine discourse” in the theology of Jonathan Edwards and Kevin Vanhoozer. Through a comparative approach between both authors, several similarities between these theologians and even an anticipation of Vanhoozer's thought in Jonathan Edwards can be noted. We will conclude with a critical analysis from the Scriptures on this theologically developed theme as well as its application to today's churches.

**Keywords:** Edwards, Vanhoozer, God, discourse.

## Introdução

Esse ensaio propõe uma aproximação dialógica entre a teologia de Jonathan Edwards e a de Kevin Vanhoozer a respeito do discurso divino, i.e., a declaração de

---

<sup>17</sup> Bacharel em Teologia (Seminário Martin Bucer), licenciado em Letras (PUC-Campinas) e pós-graduando em Novo Testamento (Seminário Jonathan Edwards). Pastor da Igreja Batista Reformada em Indaiatuba (SP), professor de Português e Inglês na rede de escolas públicas e professor de graduação e pós-graduação em Teologia no Seminário Jonathan Edwards.

que Deus fala. Embora (até onde esse autor tem conhecimento) ainda não fora feita uma comparação teológica e filosófica entre esses dois pensadores, esse exercício se mostrará deveras importante e útil para a reflexão teológica hoje. Na verdade, a falta dessa comparação é surpreendente visto as aproximações e semelhanças de Edwards e Vanhoozer. Ambos fazem parte da tradição reformada. Ambos dialogaram abundante e criativamente com a(s) teologia(s) e a(s) filosofia(s) de suas épocas. Edwards “re-encantou” o mundo iluminista com a beleza e a glória de Deus na criação, enquanto Vanhoozer também está “re-encantando” um mundo pós-moderno cheio de incertezas e relativizações com o fato de Deus se auto revelar em ação comunicativa. Analisaremos brevemente alguns pontos que Edwards levanta sobre a comunicação Divina, depois nos deteremos com a mesma brevidade em Vanhoozer, concluindo com uma crítica teológica sobre ambos.

## 1. Jonathan Edwards e a emanção divina

“A emanção ou comunicação (ad extra) é a da glória interna ou plenitude de Deus, como ela é”<sup>18</sup>. Com essa declaração, Edwards está afirmando que o cosmo não é meramente uma criação (neutra, insípida ou despreziosa), mas que é uma comunicação de ser, mais exatamente do Ser do Deus Triúno. Portanto, a Trindade comunica-se a si mesma na criação de todas as coisas.

A linguagem “emanacionista” de Edwards tem provocado diferentes interpretações dos estudiosos de sua obra. Essa linguagem sugere uma forte ligação entre Deus e o mundo, se não quase uma identificação. Sendo assim, alguns intérpretes levantaram a seguinte questão: Edwards era um panteísta ou um panenteísta?<sup>19</sup>

Essas intepretações, ainda que estranhas à tradição da recepção reformada de Edwards, podem sugerir uma preferencia pela imanência de Deus sobre sua transcendência da parte dos teólogos liberais. Esse é o caso de Alexander V. G. Allen (1841 – 1908), que afirmou que Edwards chegou perto do panteísmo, alcançando uma síntese trinitária entre imanência e transcendência<sup>20</sup>.

---

<sup>18</sup> Edwards, *End of Creation*, WJE, vol. 8, p. 528 (tradução minha)

<sup>19</sup> Por exemplo, I. Woodbridge Riley, *American Philosophy*, pp. 126–87; Frederick J.E. Woodbridge, “Jonathan Edwards,” *The Philosophical Review* 13 (1904): pp. 401, 406; e Michael J. Colacurico, “The Example of Edwards: Idealist Imagination and the Metaphysics of Sovereignty,” in *Puritan Influences in American Literature*, ed. Emory Elliott (Urbana, IL: University of Illinois Press, 1979), p. 72.

<sup>20</sup> Para uma exposição detalhada desse assunto, cf. Steven M. Studebaker, *Jonathan Edwards’s Social Augustinian Trinitarianism in Historical and Contemporary Perspectives*, pp. 33–38.

Edwards claramente não era um panteísta, mas um teísta que afirmava a distinção ontológica entre o criador e a criação, mas não negando a presença imanente de Deus como fonte da criação<sup>21</sup>. Podemos afirmar que o entendimento de Edwards sobre a criação como comunicação da bondade divina é mais estética que ontológica<sup>22</sup>. A criação não é ontologicamente divina, antes, é o produto da comunicação onipotente e criativa de Deus. Sendo assim, Edwards, quando diz “a emanção ou comunicação é a da glória interna ou plenitude de Deus”, ele não está dizendo que as partes da criação (como montanhas, águas, seres vivos, etc.) são “Deus” no sentido de identidade do ser, mas que a criação, de maneira muito própria (leia-se: segundo suas propriedades intrínsecas) reflete e manifesta a glória de Deus na medida em que encontra sua plenitude na participação do Deus trinitário (nesse sentido, o ser humano como coroa da criação, cumpre esse papel de forma suprema quando redimido em Cristo).

*In nuce*, o fim (propósito supremo) para o qual Deus criou o universo é sua própria glória. A criação não é necessária, como alguns intérpretes de Edwards concluíram. Apenas Deus em si mesmo é o Ser necessário. Edwards desenvolveu uma “ontologia disposicional” para resolver esse dilema. O Deus triúno se dispôs a manifestar sua glória em ato imanente de auto-revelação a partir da superabundância de sua bondade. Essa articulação ontológica de Edwards militava contra uma concepção mecânica do mundo natural, e este como autocontido e como realidade autônoma. Tal concepção entendia a realidade como “substância” (herança da *ousia* aristotélica). Para Edwards, apenas Deus é substância, não no sentido panteísta, mas no sentido de que apenas o Deus que é Pai, Filho e Espírito é absoluto, autocontido e autossuficiente.

Resumindo, Deus em sua atividade econômica, inicia a criação e a redenção para a demonstração da sua glória em ato comunicativo (emanção). Nas palavras de Richard Steele, para Edwards, “o universo é a luz de Deus demonstrada” (tradução minha)<sup>23</sup>. Essa auto-comunicação de Deus na criação não é acidental, mas engloba a própria estrutura da realidade criada, que possui uma “estrutura trinitária”. Sang Hyun Lee descreve a relação entre a Trindade e a criação da seguinte maneira: “A criação do mundo por Deus é a extensão espaço-temporal de sua própria auto-

<sup>21</sup> Studebaker, Steven M. e Robert W. Caldwell III. *The Trinitarian theology of Jonathan Edwards: text, context, and application*. England, Ashgate Publishing limited. 2012, p. 192.

<sup>22</sup> *Ibid.* p. 193

<sup>23</sup> Richard B. Steele, “Transfiguring Light: The Moral Beauty of the Christian Life according to Gregory Palamas and Jonathan Edwards,” *St. Vladimir’s Theological Quarterly* 52:3–4 (2008): p. 429.

comunicação intratrinitária<sup>24</sup>." Com base na teologia da criação como a auto-comunicação de Deus, Edwards expandiu a hermenêutica tradicional da tipologia<sup>25</sup>. Resumindo a tipologia de Edwards, William J. Wainwright conclui: "A natureza é a linguagem de Deus, mas o que ela significa é Ele mesmo. As coisas materiais são tipos ou emblemas das coisas divinas"<sup>26</sup>.

## 2. Kevin Vanhoozer e os atos de fala

Atualmente, Kevin J. Vanhoozer (1957-) é um dos teólogos mais populares no campo da hermenêutica teológica. Escreveu sua tese de doutorado sob a orientação do erudito católico romano Nicholas Lash sobre a narrativa de Paul Ricoeur que, após revisão, publicou com o título *Biblical Narrative in the Philosophy of Paul Ricoeur* (1990), sendo sua primeira grande obra. Suas maiores influências são a teologia reformada e a teoria dos atos de fala<sup>27</sup>.

Desenvolvendo sua tese sobre Ricoeur, Vanhoozer publica em 1998 sua teoria geral de hermenêutica literária<sup>28</sup>. Sobre fundamentos trinitários e após identificar as três eras da hermenêutica (centrada no autor, no texto e no leitor), Vanhoozer propõe três crenças interpretativas importantes: o realismo hermenêutico, a racionalidade hermenêutica e a responsabilidade hermenêutica. Usando amplamente a teoria dos atos de fala (na qual agimos quando falamos), ele define autor como agente comunicativo e o texto como ato comunicativo intencional, sendo o papel do leitor um papel de responsabilidade moral (justa) ao discernir os atos intencionais (ilocações) do autor em suas locuções (texto).

Vanhoozer também aplica a teoria dos atos de fala em sua *Teologia Primeira*<sup>29</sup>, nas doutrinas de Deus, das Escrituras e da hermenêutica (resumindo e aplicando sua obra anterior). É notável sua aplicação criativa na doutrina do chamado eficaz (Deus em seu ato-fala, chama seu povo eficazmente) e na doutrina da justificação pela fé (como ato-fala declarativo forense).

---

<sup>24</sup> Sang Hyun Lee, "Editor's Introduction," WJE, vol. 21, p. 99.

<sup>25</sup> Studebaker, *ibid.* p. 206.

<sup>26</sup> William J. Wainwright, "Jonathan Edwards and the Language of God," *Journal of the American Academy of Religion* 48 (1980): p. 522.

<sup>27</sup> Cf. Austin, J. L. *How to do things with words*. 2. ed. Cambridge, Mass: Harvard Univ. Press, 1975.

<sup>28</sup> Vanhoozer, Kevin J. *Is there a meaning in the text? The Bible, the reader, and the morality of literary knowledge*. Grand Rapids: Zondervan, 1998.

<sup>29</sup> Vanhoozer, Kevin J. *First theology: God, Scriptures and hermeneutics*. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2002.

Seu *Drama da Doutrina*<sup>30</sup> é uma introdução útil e um desafio pastoral para a igreja, aplicando as categorias do teatro na teologia. As quatro seções do livro são apresentadas sequencialmente como: Parte Um: "O Drama", Parte Dois: "O Roteiro", Parte Três: "O Dramaturgo" e Parte Quatro: "A Encenação". Nessa obra Vanhoozer faz um trabalho magistral ao abordar o trabalho de Karl Barth e Hans Urs von Balthazar ao transcender a dicotomia pessoal x proposicional em relação à revelação, novamente usando as categorias da filosofia dos atos de fala. Ele argumenta bem que a verdade de Deus é sustentada tanto na realidade quanto no gênero da história e que ninguém entende verdadeiramente, nem pode participar da verdade de Deus sem participar da história de Deus. Conhecer a história é a base para a epistemologia reveladora.

### 3. Uma avaliação crítica (bíblica)

Stanley E. Porter e Jason C. Robinson questionam a validade da teoria dos atos de fala na qual Vanhoozer fortemente se baseia<sup>31</sup>, especialmente as dificuldades entre as ilocuções (intenções) e as perlocuções (efeitos) do texto no diálogo autor-leitor. Entretanto, quaisquer críticas que alguém tenha com nuances dessa teoria, precisamos reconhecer que ela está correta em seu cerne, i.e., quando falamos nós não apenas jogamos palavras ao vento, mas nós agimos intencionalmente. Isso é muito bem documentado nas Escrituras ao retratar Deus como criador. O ato da criação em Gênesis 1-2 acontece mediante a fala (palavra) Divina. O Salmo 33.6 declara: "Pela palavra do Senhor foram feitos os céus; e todo o exército deles, pelo sopro da sua boca". O paralelismo característico dos Salmos está presente aqui, onde temos claramente que Deus fez todas as coisas pela sua palavra (um ato-fala). Jeremias 32.17 exclama: "Ah! Senhor Jeová! Eis que tu fizeste os céus e a terra com o teu grande poder e com o teu braço estendido". A fala Divina é transposta aqui para a força de seu braço, ou seja, para uma ação poderosa. No Novo Testamento, Jesus é a palavra (logos), o agente comunicador/criador de todas as coisas (Jo. 1.1-5), sustenta todas as coisas pela sua palavra (Hb. 1.1-3) e somos re-criados (feitos novas criaturas) mediante a palavra de Cristo (p. ex. Rm. 10.17). Portanto, o que os filósofos dos atos de fala formularam em termos teóricos formais (ainda que em outras bases) toda a teologia bíblica e histórica (toda a Escritura e sua tradição

---

<sup>30</sup> Vanhoozer, Kevin J. *The drama of doctrine: a canonical-linguistic approach to christian theology*. Louisville: Westminster/John Knox, 2005.

<sup>31</sup> Porter, Stanley E., & Robinson, Jason C. *Hermeneutics: an introduction to interpretive theory*. Grand Rapids, Eerdmans, 2011.

interpretativa) pressupunham e ensinavam claramente que, tanto Deus como nós, agimos intencionalmente sobre a realidade e sobre o outro através da fala. Em termos dooyeweerdianos, o que experimentamos no nível pré-teórico em relação à fala como ação foi formulado teoricamente por homens como Austin e Searle.

## Conclusão

Esse breve ensaio procurou demonstrar alguma semelhanças marcantes entre a teologia de Jonathan Edwards e Kevin Vanhoozer. Poderíamos ter feito a comparação com Vanhoozer a partir de Lutero e muitos outros teólogos, mas vimos que Edwards antecipa muitos conceitos modernos de forma mais explícita. Obviamente, não existe teólogo inerrante (cujo escrito não tenha entrado no Cânon) e esses dois pensadores cristãos foram (e ainda serão) alvos de críticas, como é de se esperar de todo labor teológico (e de qualquer outra área).

Concluimos respondendo a pergunta: o que a igreja cristã atualmente pode aprender com esses dois mestres? Podemos aprender a refletir criticamente sobre as teorias de nosso tempo, retendo as verdades expostas (pela graça comum) e rejeitando as falsificações. Aprendemos a construir nossa cosmovisão e nossas reflexões teóricas sobre a realidade a partir de dois fundamentos – O Deus Triúno e as Escrituras. Por fim, aprendemos a sermos responsáveis pelo que fazemos e falamos, bem como pelo que os outros fazem e falam para e sobre nós. Não podemos impor nossos significados sobre a fala (falada ou escrita) do nosso próximo. Antes, o mandamento de amarmos ao próximo como a nós mesmos envolve ouvirmos ao próximo como nós gostaríamos de sermos ouvidos. Com isso temos uma hermenêutica geral dos atos de fala. As Escrituras, os demais textos e os discursos das pessoas são atos comunicativos intencionais carregados de significados pretendidos pela sua origem semântica, seu autor e/ou orador.

## Referências

AUSTIN, J. L. **How to do things with words**. 2. ed. Cambridge, Mass: Harvard Univ. Press, 1975.

Edwards, Jonathan. **Selections from the Unpublished Writings of Jonathan Edwards, of America**. Edited by Alexander B. Grosart. Edinburgh, 1865.

—. **Observations concerning the Scripture Oeconomy of the Trinity and Covenant of Redemption**. Edited by Egbert C. Smyth. New York: Charles Scribner's Sons, 1880.

—. **The Works of Jonathan Edwards**. Edited by John E. Smith. Vol. 11, Typological Writings, edited by Wallace E. Anderson and Mason I. Lowance. New Haven: Yale University Press, 1993.

—. **The Works of Jonathan Edwards**. Edited by John E. Smith. Vol. 8, Ethical Writings, edited by Paul Ramsey. New Haven: Yale University Press, 1989.

—. **The Works of Jonathan Edwards**. Edited by John E. Smith. Vol. 9, A History of the Work of Redemption, edited by John F. Wilson. New Haven: Yale University Press, 1989.

ELWOOD, Douglas J. **The Philosophical Theology of Jonathan Edwards**. New York: Columbia University Press, 1960.

LEE, Sang Hyun, “**Editor’s Introduction**,” WJE, vol. 21.

PORTER, Stanley E., & ROBINSON, Jason C. **Hermeneutics: an introduction to interpretive theory**. Grand Rapids, Eerdmans, 2011.

STEELE, Richard B., “**Transfiguring Light: The Moral Beauty of the Christian Life according to Gregory Palamas and Jonathan Edwards**,” *St. Vladimir’s Theological Quarterly* 52:3–4 (2008).

STUDEBAKER, Steven M. e CALDWELL III, Robert W. **The Trinitarian theology of Jonathan Edwards: text, context, and application**. England, Ashgate Publishing limited. 2012

STUDEBAKER, Steven M., **Jonathan Edwards’s Social Augustinian Trinitarianism in Historical and Contemporary Perspectives**. Series: Perspectives on Philosophy and Religious Thought, Gorgia Press, 2013.

VANHOOZER, Kevin J. **First theology: God, Scriptures and hermeneutics.** Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2002.

—. **The drama of doctrine: a canonical-linguistic approach to christian theology.** Louisville: Westminster/John Knox, 2005.

—. **Is there a meaning in the text? The Bible, the reader, and the morality of literary knowledge.** Grand Rapids: Zondervan, 1998.

WAINWRIGHT, William J., “**Jonathan Edwards and the Language of God,**” *Journal of the American Academy of Religion* 48 (1980): p. 522.